



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES- CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UAG
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ISAQUE SHALLON FELISBERTO BENEVIDES

**FEIRA DE INGÁ, PARAÍBA: PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SEU ESPAÇO
COMERCIAL NA ATUALIDADE**

CAMPINA GRANDE
2021

ISAQUE SHALLON FELISBERTO BENEVIDES

**FEIRA DE INGÁ, PARAÍBA: PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SEU ESPAÇO
COMERCIAL NA ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Geografia, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.
Orientador: Dr. Lincoln da Silva Diniz.

CAMPINA GRANDE
2021

ISAQUE SHALLON FELISBERTO BENEVIDES

**FEIRA DE INGÁ, PARAÍBA: PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SEU ESPAÇO
COMERCIAL NA ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Geografia, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Dr. Lincoln da Silva Diniz

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz
Orientador

Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo
Examinador externo

Prof. Me. Noaldo José Aires Tavares
Examinador externo

CAMPINA GRANDE
2021

AGRADECIMENTOS

À Deus, por cada momento que no decorrer deste curso estive ao meu lado, em momentos alegres e tristes, em situações turbulentas ou na bonança, a presença Dele foi a lâmpada para os meus pés e a luz para o meu caminho em todo o decorrer desta jornada, à Ele todo o mérito, porque somente Nele esta o sim e o amém.

À minha família, por todo o apoio, por toda a base que me deu sustento ao longo destes anos, à minha noiva Camila que sempre estive comigo, vivendo cada momento independente das dificuldades encontradas.

Aos colegas de turma, por proporcionarem tantos momentos de descontração e alegria, à todo corpo docente, que exerceu com excelência a tarefa de trilhar comigo o caminho em busca do saber.

À Rui, meu presente amigo, por cada momento em que não reteve a mão nos momentos em que precisei de ajuda.

E em especial, ao professor Lincoln da Silva Diniz, por toda dedicação e paciência que usou para comigo. De algo tenho certeza, não há nada que possamos semear que não venhamos a colher frutos, por isso reafirmo minha gratidão, desejoso e crente de que o melhor ainda virá sobre a sua vida.

BENEVIDES, Isaque Shallon Felisberto. *FEIRA DE INGÁ, PARAÍBA: PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SEU ESPAÇO COMERCIAL NA ATUALIDADE* 21 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Paraíba, 2021.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a produção e organização do espaço da feira livre de Ingá. Desde os primórdios do município de Ingá a feira livre local atua como um dos principais centros comerciais da redondeza, fato este que se estende até os dias atuais proporcionando o dia de maior movimento na cidade. Apesar da contemporaneidade dos tempos, a chegada de novas tecnologias, o crescimento de novas modalidades de comércio e ainda a instalação de uma pandemia, a feira atesta sua importância adaptando-se conforme as necessidades exigidas. Iniciamos este trabalho com um levantamento bibliográfico, pesquisa de gabinete, seguido da realização de pesquisa de campos para a obtenção de imagens, entrevista com feirantes afim de obter o relato acerca de suas experiências com a feira. O resultado da pesquisa nos mostrou o caráter persistente da feira de Ingá e como a sua existência é importante não apenas no seu aspecto comercial mas também em suas características culturais, afetivas e relacionais.

Palavras-chave: Feira livre, Espaço e Comércio.

ABSTRACT

This article aims to analyze the production and organization of the space at the Ingá free fair. Since the beginnings of the municipality of Ingá, the local free market has acted as one of the main shopping centers in the area, a fact that extends to the present day, providing the busiest day in the city. Despite the contemporaneity of times, the arrival of new technologies, the growth of new modalities of commerce and the installation of a pandemic, the fair attests to its importance, adapting itself according to the required needs. We started this work with a bibliographical survey, research in the office, followed by field research to obtain images, interview with stallholders in order to obtain an account of their experiences with the fair. The result of the research showed us the persistent character of the Ingá fair and how its existence is important not only in its commercial aspect but also in its cultural, affective and relational characteristics.

Keywords: Free fair, Space and Commerce.

FEIRA DE INGÁ, PARAÍBA: PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SEU ESPAÇO COMERCIAL NA ATUALIDADE

1. INTRODUÇÃO

Do ponto de vista histórico a feira sempre esteve atrelada a atividade de venda e troca de mercadorias diversas, expostas em um local aberto com estrutura física relativamente limitada. Para tanto, a escolha de um local atua de forma determinante no desempenho exitoso deste tipo de comércio. Contudo, a forma como este local se organiza e as dinâmicas que apresentará darão a este espaço a paisagem e as significâncias correspondentes.

Característica peculiar da feira, é a utilização de um espaço, que é modificado com a necessidade para sua realização e que, após o uso comercial, volta ao arranjo original, havendo, portanto, a necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde as dinâmicas comerciais possam ser realizadas (ALMEIDA, 2009 p.25). A efetivação deste processo culmina de forma incisiva na formação e organização de uma nova paisagem, atribuindo qualidades antes não presentes neste espaço.

Tratando-se de um evento semanal e de fácil acesso a população, a feira torna-se um ambiente favorável a construção de sociabilidades, tanto em relação a feirantes ou aos fregueses, ultrapassando os interesses puramente comerciais e alcançando relações sociais mais subjetivas.

Apesar da contemporaneidade dos tempos, juntamente com as facilidades comerciais trazidas pelas tecnologias, a feira de Ingá, localizada no município paraibano de Ingá, permanece preservando suas origens e resguardando suas tradições ao longo dos anos. Costumeiramente realizada aos sábados, esta feira acontece em local aberto, desprovido de cobertura, funcionando no entorno do prédio do Mercado Público Municipal José Claudino da Silva.

Os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa tiveram como base levantamentos bibliográficos, observação do espaço onde, esta citada feira, acontece, obtenção de registros fotográficos, realização de entrevistas. Com o surgimento da Pandemia do COVID-19¹, decretado pela Organização Mundial de Saúde (OMS)², em 19 de março de 2020, tornou-se necessário adotar medidas de prevenção ao coronavírus,

¹ O novo coronavírus COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, responsável pela instauração deste período pandêmico.

² A OMS (Organização Mundial da Saúde), é um agência especializada das Nações Unidas, destinada às questões relativas a saúde.

principalmente em função do alto nível de contágio. Diante deste fato, não foi possível a aplicação de questionários com os feirantes e seus respectivos fregueses (consumidores) durante a produção deste trabalho.

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a produção, organização e as dinâmicas presentes do/no espaço comercial atual da feira de Ingá. Para tanto, o artigo está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento um breve levantamento conceitual a respeito das feiras livres. Em um segundo momento, no tópico seguinte, abordamos a história e a formação geográfica do município de Ingá e sua feira. E, por fim, a apresentação dos resultados da pesquisa e as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL

2.1. Feira e produção do espaço: algumas considerações

De acordo com Milton Santos (2006), o espaço é composto por sistemas de objetos e sistemas de ações, que juntos, no desenvolver de uma relação contraditória, solidária e desigual, criam e renovam o espaço vivenciado. Para tanto, Santos afirma:

Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2006, p.39).

Sendo passível de constantes e seguidas alterações no decorrer dos tempos, o espaço, é o local onde tudo se manifesta, onde tudo acontece e deixa de acontecer, de acordo com as dinâmicas vigentes em um momento específico.

Parte componente essencial no conceito de espaço para os geógrafos, o sistema de objetos, abrange um vasto universo de elementos, sejam estes modificados ou não pela ação antrópica. Assegurando tal afirmação, Santos acrescenta:

Os objetos que constituem o espaço geográfico são obrigatoriamente contínuos e a população de objetos considerada pelo geógrafo não resulta de uma seleção, ainda que sábia e metódica, do pesquisador. O espaço dos geógrafos leva em conta todos os objetos existentes numa extensão contínua, todos sem exceção. Sem isso, aliás, cada objeto não faz sentido. (SANTOS, 2006, p.46).

Segunda, e não menos importante parte componente do conceito de espaço, o sistema de ações se estabelece à medida em que a necessidade do sujeito vem à tona, sendo irrelevante nesse aspecto sua motivação primordial, podendo ter carências imprescindíveis ou efêmeras. Confirmando isto, Milton Santos ressalta:

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de

outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos, formas geográficas. (SANTOS, 2006, p.53).

A conceituação de espaço abrange uma vasta e complexa infinidade de particularidades em seus aspectos, podendo variar quanto a sua interpretação de acordo com o contexto onde está inserida. Nesse contexto, a feira, enquanto espaço comercial, constitui um verdadeiro centro produtor de objetos e fluxos, que uma vez exposto à sociedade, expondo desejos e necessidades efêmeras ou imprescindíveis, passa a manifestar e dinamizar o espaço circundante.

O evento feira e/ou feira-livre, tão popularmente conhecido, marca o espaço-tempo por possuir características bastante diferenciadas das demais modalidades varejistas. Considerada atualmente como uma forma tradicional e até arcaica de fazer comércio, em função de possuir suas raízes fincadas em tradições antigas. Para tanto, Mascarenhas e Dolzani afirmam:

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras [...] (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008. p.75).

Apesar de trazer consigo a adjetivação de ser essencialmente antiga e, para alguns, inadequada para a atualidade, a feira oferece ao consumidor diversas possibilidades não percebidas em outras modalidades de comércio, como: supermercados e shoppings. Dentre várias formas de comerciar, pode-se destacar a possibilidade de negociar o valor atribuído aos produtos pelo vendedor, a denominada “pechincha”. (SANTOS, 2013).

Apesar de haver o pressuposto de que o principal intento de ir à feira é de comprar o que se deseja obter, é possível também perceber o seu forte viés social, rompendo a barreira dos interesses comerciais e exercendo de forma salutar o exercício de relacionar-se com o próximo. Dantas ainda acrescenta:

Como um espaço econômico e social, as feiras são centros populares destinados a comercialização dos mais diferentes produtos e ao abastecimento da população, restrito exclusivamente a um centro urbano ou ainda a um conjunto de municípios ou mesmo toda uma região; ao mesmo tempo, é o lugar onde se dá uma grande diversidade de atividades paralelas, onde se dão uma série de encontros e reencontros, de conversas, de manifestações populares e da sociabilidade em todas as suas dimensões. (DANTAS, 2008. p.99).

A feira rompe com os limites do simples ato de vender e comprar, da oferta e demanda, e alcança características de proximidade e familiaridade. A criação de laços entre feirante e consumidor. O espaço da Feira torna-se um ponto de encontro para relacionar-se, rever amigos, conversar, etc. Sobre isso, comenta Dantas:

Entendemos que a feira não envolve somente o ato de compra e venda, o qual se encerra com o pagamento e a aquisição dos produtos. As relações que se estabelecem na feira envolvem uma série de outros momentos que são cada vez mais evidenciados no contato entre os diferentes atores existentes. (DANTAS, 2008. p.99).

Envolto nesta dinâmica de sistema de objetos e sistema de ações, o espaço produzido pela feira mostra-se, de certa forma, volátil, sujeito não apenas a mudanças e alterações, como também a sua desconstrução. Essa realidade se traduz na construção de espaços efêmeros (FONSECA; SANTOS; SANTOS, 2011), onde a dinâmica típica e conveniente à feira, se estabelece em determinado momento, este durante o exercício do seu funcionamento e, logo após, se esvai, de maneira a modificar o espaço antes percebido e com efeito também a paisagem. Desta forma Fonseca, Santos e Santos corroboram:

Por esse ângulo inferimos que é onde ocorre a construção e desconstrução do espaço, ora estetizando a paisagem, ora empobrecendo a mesma, devido à complexidade que se insere no cotidiano das feiras e a consciência dos sujeitos que a frequentam, seja como feirante, seja como espectador. (FONSECA; SANTOS; SANTOS, 2011. p.88).

Evidenciando ainda mais sua importância no contexto de pequenas cidades, aspecto no qual o município de Ingá está inserido, a feira também possui características econômicas essenciais para a população. Atuando de forma a complementar a renda de muitos indivíduos, a Feira torna-se um local imprescindível para a externalização e comercialização de produtos obtidos através da produção familiar, oriundos geralmente do cultivo realizado na zona rural.

As pequenas cidades brasileiras no seu contexto regional representam características comuns no seu espaço e tamanho demográfico. No Nordeste, a pequena produção familiar é encontrada no interior das cidades, pois contribui com o aumento da renda, através do cultivo na plantação, de forma simbólica existe uma relação bastante distinta entre meio rural e urbano na tipologia das pequenas cidades. (SILVA, 2014. p.21).

Assim como alguns indivíduos produtores encontram na Feira o local e a oportunidade de adequada para realizar a venda de seus produtos, tendo em mente a complementaridade de sua renda, fato este que aponta o baixo poder econômico da população. Os consumidores, de forma semelhante, encontram na Feira a ocasião apropriada para a aquisição de produtos que possuam um preço mais acessível.

Portanto, as diversidades de produtos encontrados em um mesmo lugar, além dos baixos preços, são uns dos grandes fatores que atraem ainda a população, e principalmente da das camadas mais pobres. A feira recebe pessoas de variados poder de compra, porém é o consumidor de baixa renda que ver essa modalidade de comércio com mais importância, tanto pelos preços praticados, como pela variedade de produtos de fácil acesso (SILVA, 2019. p.20).

3. A FEIRA E A PRODUÇÃO DO MUNICÍPIO DE INGÁ

De acordo com Barbosa (2012), o município de Ingá está situado na base das escarpas orientais do Planalto da Borborema, numa depressão sublitorânea, no Agreste Paraibano,

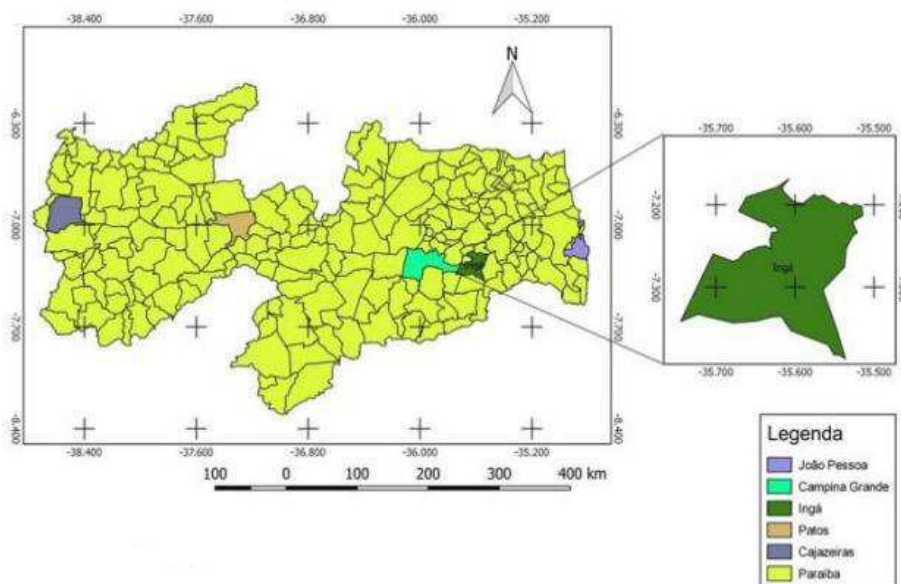
inserido na Microrregião de Itabaiana, possuindo as seguintes coordenadas: latitude - 07°16'04" ao sul e longitude 35°36'46" oeste.

Faz divisa com vários municípios circunvizinhos, fator este que possibilita o fácil fluxo de pessoas e mercadorias. Os municípios limítrofes são: Ao norte: Serra Redonda e Juarez Távora; ao sul: Fagundes e Itatuba; ao leste: Mogeiro; ao oeste: Campina Grande e Riachão do Bacamarte.

De acordo com os dados obtidos com o censo do IBGE de 2010, o município de Ingá está localizado a 163 metros acima do nível do mar e possui uma área territorial de 262,179 km², contando com 18.180 pessoas, resultando em uma densidade demográfica de 63.13 habitantes por quilômetro quadrado.

As precipitações pluviométricas do município permeiam a medida de 800 mm anuais, possuindo a temperatura média de 27° C e umidade relativa do ar de 78%, estando inserido no bioma denominado de Caatinga.

Figura 1: Mapa do Estado da Paraíba, com destaque para o município de Ingá, PB.



Fonte: SILVA, 2019.

As origens do município de Ingá datam do período do povoamento colonial. As atividades agrícolas serão fundamentais no início da sua formação. Sobre o processo de formação deste município, expressa Ferreira:

[...] a partir desse processo de interiorização do território brasileiro (que se intensifica a partir do século XVII-XVIII), seguindo a lógica do pacto colonial português que se dá a colonização e ocupação do interior da Paraíba, e por consequência o povoamento do atual território do Ingá. A formação atual do município do Ingá

começou com base na expansão da atividade agropecuária em sentido litoral - interior do Nordeste, essa prática migratória assumia como objetivo a busca de terras para a criação de gado e a implantação de uma agricultura de subsistência baseada no cultivo de gêneros alimentícios como arroz, milho, feijão fava e algodão (FERREIRA, 2017. p.40).

A atividade agropecuária, especialmente a criação de gado bovino, como também a produção de grãos e, em período posterior, como maior importância, a produção algodoeira, compõem a base econômica dominante deste lugar durante muitas décadas, até maior parte do século XX.

A feira de Ingá terá um papel relevante neste processo histórico de produção do lugar. Esta constitui uma das feiras mais antigas do interior paraibano. Durante mais de cem anos, foi o principal espaço comercial de abastecimento alimentar para as populações locais e de localidades circunvizinhas.

Figura 2: Visão da feira de Ingá em meados da década de 1960.



Fonte: BENEVIDES, Agosto/2021

Em meados dos anos 1965, a feira de Ingá, diferentemente de hoje, possuía suas instalações no centro tradicional da cidade, funcionando, especificamente, na Rua Floriano Peixoto, estendendo-se para as ruas mais próximas, como a Rua Rui Barbosa e a Rua João da Luz. A feira de Ingá, em semelhança a diversas outras, se estabelecia no entorno e dentro do prédio do Mercado Público Municipal. Atualmente, o local deste prédio comercial, funciona a Prefeitura Municipal de Ingá.

Sempre realizada aos sábados, tradição esta, mantida até os dias atuais, a feira possuía características extremamente relevantes para o município de Ingá, uma vez que era o principal centro comercial da cidade, onde toda a população movia-se e programava-se em função de sua realização, seja atuando como feirante, oferecendo seus produtos, ou, como clientela em busca do objeto ou serviço desejado.

Na feira, vendia-se diversos produtos, desde os mais variados tipos de roupas, peças de tecido, vendidos sob medidas; fumo de rolo; artigos decorativos para o lar, como estátuas de gesso, quadros, objetos artesanais, produzidos em cerâmica, como potes para água - as “fôrmas” -, filtros de barro, panelas de barro, colheres de pau; uma grande diversidade de ferramentas; produtos de limpeza em geral; brinquedos, etc. Além do tradicional comércio de carnes, como: frango, peixe, carne bovina e suína, assim também como: frutas, verduras, diversos tipos de condimentos, grãos, vegetais e uma extensa variedade de laticínios, produzidos semanalmente nas fazendas da região.

Na feira de Ingá também eram oferecidos aos clientes mercadorias, que hoje encontramos costumeiramente nos mercados e supermercados. Nos sábados, vendia-se nesta feira: arroz; feijão; fava, que em grande parte tinha sua origem do cultivo dos próprios moradores da cidade; fubá; açúcar; etc. Desta forma, a feira exercia também a função central de fornecer mantimentos para a população, visto que fora da feira, existiam apenas as “vendas”, as tradicionais bodegas, que em sua maioria vendiam estes alimentos basilares de forma fracionada. Era comum o emprego de expressões, como: “um quarto de açúcar”, “meio quilo de feijão”, “um quarto de queijo” no ato de comprar nestes estabelecimentos, tendo em vista o valor mais elevado em relação ao que era encontrado na feira.

A estrutura utilizada pelos comerciantes na feira de Ingá, na década de 1960, era composta basicamente pela instalação de bancadas confeccionadas em madeira, e estas, alocadas ao longo das ruas e calçadas. Quando o feirante não possuía as condições financeiras para a confecção das bancadas, eram utilizadas lonas, que uma vez estendidas no chão, tornavam-se o local onde eram expostos os produtos a serem comercializados. Embora a falta de infraestrutura se mostrasse evidente, a prefeitura ainda realizava a prática de coletar um valor em dinheiro, correspondente a uma taxa que autorizava ao feirante realizar sua prática comercial.

Considerada uma das maiores feiras das redondezas, a feira de Ingá trazia consigo uma forte capacidade de exercer centralidade no dia em que se realizava, atraindo para si pessoas de localidades próximas, como: Mogeiro, Serra Verde, Serra Redonda, Itatuba,

Pintado, Gameleira, Serra do Cabral, etc., situação esta que fazia da feira de Ingá um importante evento, ocasionando estabelecimentos repletos de clientes.

O grande aumento do tráfego de pessoas na cidade nos sábados, aumenta também a intensidade da circulação econômica no município, fazendo do sábado o dia mais economicamente efetivo para os comerciantes de forma geral. Aproveitando o ensejo, o aumento do trânsito de pessoas vindas de outras localidades, percebia-se o ambiente adequado para conhecer novas pessoas; aumentar a freguesia; construir novos relacionamentos sociais, sendo estes tanto profissionais, como mais pessoais, íntimos. Trata-se, portanto, de um espaço comercial que favorece muitas sociabilidades.

4. A FEIRA DE INGÁ E A SUA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL ATUAL

A feira de Ingá ocorre sempre aos sábados das cinco horas da manhã até o meio dia do mesmo dia. A feira está situada no encontro das ruas Padre José Alves e rua Antônio da Silva no bairro do Cazuzinha, onde a feira acontece há mais de quarenta anos, no entorno do Mercado Público Municipal José Claudino da Silva (Figuras 02 e 03).

Figura 03: Visão parcial do Mercado Público Municipal José Claudino da Silva



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo. Agosto/2021.

Figura 04: Visão do pátio da feira em inatividade durante os demais dias da semana



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo. Agosto/2021.

Ao observar os registros fotográficos é possível perceber a construção do espaço e a dinâmica que o mesmo apresenta. Nos dias em que não há a realização da feira, nota-se o amontoado das bancas de madeira, estas, deixadas no local pelos feirantes para que não haja a necessidade de transporte, economizando, desta forma, custos e tempo, tendo em vista que na semana seguinte a feira funcionará normalmente. Nos dias em que a feira de Ingá não está em atividade, ocorre o normal funcionamento da via pública, com tráfego de pessoas e veículos, e nos dias de funcionamento da feira a rua é parcialmente interditada.

Em seus diversos anos de existência a feira de Ingá traz consigo um referencial comercial aos sábados, atraindo as atenções dos moradores do município e redondeza, gerando de certa forma uma mobilidade rotineiramente não percebida nos demais dias da semana, que resulta em um fluxo mais intenso de pessoas.

Figura 5: Feira de Ingá em atividade aos sábados



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo. Agosto/2021.

Como percebe-se na Figura 5, a feira de Ingá agrega, no seu exercício, indivíduos diversos, reunindo, em um mesmo local, classes sociais diferentes, fazendo ressaltar a diversidade de culturas do município, transitando em meio a pessoas de baixa renda, que em suma, possuem no Programa Bolsa Família³ sua principal fonte de renda, a indivíduos de classe média e alta.

Mesmo envolto em simplicidade e baixo nível de infraestrutura, a feira de Ingá oferece ao consumidor uma extensa gama de produtos, como: frutas, verduras, legumes, grãos, roupas, brinquedos, utensílios domésticos, ferramentas, equipamentos eletrônicos,

³ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência de renda do Governo Federal, sob condicionais, instituído no Governo Lula pela Medida Provisória 132, de 20 de outubro de 2003, convertida em lei em 9 de janeiro de 2004, pela Lei Federal n. 10.836, que unificou e ampliou diversos programas anteriores de transferência de renda.

calçados, carne bovina, suína, frango e peixe, produtos de limpeza, além de mercadorias peculiares, como o fumo de rolo.

Figura 6: Variedade de produtos presente na feira de Ingá.



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo. Agosto/2021.

A produção do espaço em meio a diversidade de produtos apresentada surge de maneira contrastante, quando comparada a imagem da Figura 4, confirmando e exemplificando a teoria dos espaços efêmeros (FONSECA; SANTOS; SANTOS, 2011), onde um local antes carregado de características específicas, passa por um processo de transformação momentânea não apenas da paisagem mas também de sua função social, agregando valor antes não creditado ao espaço, passando em seguida, ao findar de determinado período de tempo, a retornar as características antes percebidas.

Realizando suas atividades em uma área com aproximadamente 4.500 metros quadrados, contando com cerca de 135 bancos distribuídos no local, a feira de Ingá acontece no entorno do Mercado Público Municipal José Claudino da Silva, onde no seu interior ocorre a comercialização de carnes diversas.

Figura 7: Visão interna do Mercado Público Municipal José Claudino da Silva



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo. Agosto/2021.

Levando em consideração a pandemia que estamos inseridos, a feira de Ingá como parte componente da sociedade, também precisou adaptar-se às medidas de prevenção necessárias relacionadas ao COVID-19.

Conforme observação realizada em campo, juntamente com o relato de um feirante ingaense, esta feira sofreu uma severa diminuição no fluxo de clientes, principalmente durante a efervescência inicial da pandemia do novo coronavírus. A diminuição do trânsito de pessoas em função deste vírus provocou inicialmente uma série de prejuízos para os feirantes, que não conseguiam vender, em totalidade, seus produtos de aspecto perecível, principalmente verduras, legumes, frutas e carnes.

A diminuição das vendas proporcionou prejuízos tanto para o feirante de menor porte que utiliza a feira com uma forma de complementar sua renda, como para o feirante de

maior porte que em função da redução de vendas, encontra como única alternativa viável dispensar os serviços dos ajudantes que o auxiliam desde a compra e transporte de produto, - seja sua origem na CEASA ou outro fornecedor específico - a própria divulgação e realização das vendas na feira.

Procurando recursos alternativos que possam ajudar as vendas neste período de pandemia, alguns feirantes encontraram na entrega a domicílio, o chamado *delivery*, uma opção pertinente para o momento. O cliente fazendo uso de aplicativos de mensagens ou realizando uma ligação, comunica seu pedido e o feirante se responsabiliza pela entrega dos produtos solicitados, oferecendo ainda a clientela a possibilidade de pagar usando cartão de crédito ou o PIX⁴.

Embora com numeração reduzida de clientes em função da não recomendação de aglomeração, a feira de Ingá continuou com suas atividades. Contando com a supervisão da Prefeitura Municipal, a feira adaptou-se e adotou, dentro de suas possibilidades, as medidas recomendadas pela OMS - Organização Mundial da Saúde.

Procurando a melhor forma possível manter sob controle a circulação do coronavírus, a prefeitura de Ingá instalou, na entrada da feira, uma barreira sanitária na qual, era exigido a aferição de temperatura, assim também como a assepsia utilizando álcool 70% em qualquer pessoa que desejasse adentrar no local da feira. Além de, em dias pré programados, juntamente com o suporte da Secretaria de Saúde e Centro-COVID⁵, efetuar ações de conscientização sobre a importância do uso da máscara, além de realizar testes-rápidos na população.

Figura 8: Ações da Secretaria de Saúde no combate e prevenção ao COVID-19 na feira de Ingá.



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo. Agosto/2021.

⁴ PIX é o pagamento instantâneo brasileiro. O meio de pagamento criado pelo Banco Central (BC) em que os recursos são transferidos entre contas em poucos segundos, a qualquer hora ou dia.

⁵ Centro-COVID é um estabelecimento com fins dedicados a identificação de casos de COVID-19 através da realização de diversos tipos de testes.

Demonstrando persistência em relação aos tempos modernos, a feira de Ingá tem resistido como local de referência comercial do município. Apesar da existência de outros locais para realizar compras, como os supermercados, os consumidores encontram na feira características que estimulam a clientela a ir à feira aos sábados.

Diferente dos supermercados locais, a feira traz ao espaço, onde ela se realiza, características inerentes à cultura popular. Desde a forma, como os produtos são expostos, o acesso que os fregueses têm à mercadoria, a forma entusiasmada que os feirantes fazem o anúncio de seus produtos, o diálogo facilitado entre o cliente e o feirante, o momento onde há o encontro de pessoas conhecidas e diversas outras características, tornam o ambiente da feira extremamente sociável, tornando o ato de ir a feira algo muito além de simplesmente ir comprar mercadorias. Confirmando isto, Almeida (2009) acrescenta que a feira é um local de encontros e desencontros, demarcando uma reunião social e outras relações que delimitam um espaço repleto de ações e ideias.

Buscando adaptar-se ao longo dos tempos às tecnologias e facilidades que o mercado oferece, além do pagamento à vista e a prática comum da “pechincha”, não é difícil encontrar na feira bancas que oferecem a realização de pagamento utilizando cartão de crédito, fato este, que abre opções ao consumidor na possibilidade de realizar o pagamento da forma que mais lhe agrada, aproximando a feira da realidade encontrada em outros estabelecimentos comerciais.

Apesar de sua persistência e possuir, por característica, atrativos interessantes, a feira atualmente sofre com a severa concorrência do novo comércio varejista presente no município. A crescente disseminação de estabelecimentos comerciais, como os supermercados e os mercadinhos implica em uma diminuição no número de pessoas, que frequentariam, por sua vez, seu espaço. Tais pessoas percebem, nestes estabelecimentos, ambientes mais confortáveis, contando com adereços, que propiciam uma dinâmica diferenciada no processo de comprar mercadorias, embora, no valor final dos produtos haja um acréscimo considerável correspondente aos benefícios consumidos. Inerente aos preços atribuídos as mercadorias, o público consumidor se divide em meio as diferenças, tornando o consumidor dos novos estabelecimentos varejistas um público mais elitizado, que pode arcar com os acréscimos financeiros atribuídos a essas casas comerciais mais sofisticadas e diversificadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebido como um dos espaços mais vivos e dinâmicos presente em nossa sociedade, mesmo em contexto de modernização comercial no setor varejista, a feira permanece. Não meramente como um ponto comercial de mercadorias, mas também como local de encontros sociais munidos de afeições para os que ela a frequentam, gerando relações das mais diversas especificidades, construindo relacionamentos singulares.

Sua existência e persistência atribuem à feira de Ingá nítidas características de patrimônio cultural deste município. Desta forma, carecendo de todas as atenções cabíveis para que sua conservação seja efetivada de acordo com as medidas adequadas para sua preservação, tendo em vista sua importância, atendendo as demandas geradas não apenas pelo município, mas por toda circunvizinhança, uma vez que exerce um poder de centralidade importante sobre municípios da redondeza.

A produção deste trabalho proporcionou uma melhor compreensão sobre a estruturação e dinâmica do comércio da feira de Ingá, assim como a compreensão do seu espaço, à medida em que o mesmo é formado a cada semana, gerando fonte de renda extra para diversas pessoas que encontram nesta feira o local adequado para apresentar e comercializar seus produtos.

Mesmo se deparando com diversas dificuldades, que contribuem para a diminuição das vendas, como o crescimento dos supermercados, as lojas de roupas, as compras feitas pela internet, o esquecimento do poder público que não atribui o devido valor a este espaço, e atualmente os impactos da pandemia do novo coronavírus, a feira de Ingá ainda é um local essencial para o município, movimentando a economia local e ofertando aos clientes um ambiente agradável, onde é possível sentir-se confortável no desenvolver de uma conversa com amigos e conhecidos, e, ao mesmo tempo, suprir o seu consumo com produtos essenciais.

6. REFERÊNCIAS

ARAUJO, Giovanna de A. F. Aspectos sociais do cotidiano das feiras livres: um estudo etnográfico em território português e em solo brasileiro. Maringá Management: *Revista de Ciências Empresariais*, v. 9, n.2, - p. 49-64, jul./dez. 2012.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. FEIRAS NORDESTINAS. *Revista Mercator*, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. p. 87 a 101, nov. 2008.

FONSECA, S. F.; SANTOS, D. C.; SANTOS, D. P. Feira Livre de Buritizeiro/MG: Uma abordagem Socioeconômica. *Revista de Geografia* (Recife), v. 28, p. 81-92, 2011.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. *Espaço Dividido: Os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. 2ª ed. EDUSP, São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. *Pobreza urbana* I Milton Santos; com uma bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. 3.ed. -São Paulo: EDUSP, 2009.

SILVA, L. F. C. *A importância da feira livre do município de Belém-PB para os moradores da região: Luís Flavio Costa da Silva*. 2014.

SILVA, Wellington Aragão da. *A FEIRA DE ARARA E O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: impactos socioeconômicos e produção do espaço*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

Saber Humano, ISSN 2446-6298, n. 4, p. 156-173/Edição Especial. n.4/2019. Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 2, n. 4 agosto/2008 p.72-87.

X Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. O lugar da Feira-livre na produção do espaço da cidade contemporânea: mudanças e permanências. 2013. (Encontro).

FERREIRA, A.. *Ingá: Retalhos da História... Resquícios de Memórias*. II. ed. Queimadas-PB: Cópias & Papéis, 2017. v. 1. 130p .

BARBOSA, Rui da Silva; SOUSA; Jamerson Raniere Monteiro de; **A Crescente Migração da Cidade de Ingá - PB Para Santa Catarina**: Uma abordagem sobre a Nova Tendência de Migração Ingaense. UEPB, 2012.

IBGE – Instituto brasileiro de geografia e estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/inga/panorama>. Acesso em 12 de Agosto de 2021.

O INGAENSE. Disponível em: <<http://www.oingaense.com.br/>>. Acesso em 12 de Agosto de 2021.

SILVA, Denymagna. *A dinâmica da atividade do turismo arqueológico na perspectiva do desenvolvimento no município de Ingá, PB*. 2019. 89f. Dissertação(Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB.

ALMEIDA, Shirley Patrícia N. C. 2009. *FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social. UNIMONTES. Montes Claros MG.